

Cidade de riscos: notas etnográficas sobre pixação, adrenalina, morte e memória em São Paulo

Alexandre Barbosa Pereira¹

Universidade de São Paulo

RESUMO: O artigo aborda a pixação em São Paulo. Descreve como os pixadores transformam a paisagem urbana e reinventam a cidade. A partir de um ponto de vista etnográfico, discute-se como esta atividade proporciona reflexões sobre as ideias de risco, memória e morte. O fio condutor do artigo é a história de vida e de morte de um pixador famoso por sua ousadia. Demonstra-se, assim, como, ao arriscarem-se pela cidade, esses jovens querem efetivamente visibilidade e, de alguma maneira, ser lembrados. Os riscos aos quais se expõem pela cidade são, portanto, também um dispositivo de memória. A possibilidade de morte ou sua ocorrência efetiva põe dois elementos em relação: o risco e a memória.

PALAVRAS-CHAVE: Pixação, cidade, risco, memória, morte.

*Já se foram vários embora.
A pixação tem muito perigo.
(JC)*

“Queria mandar uma homenagem para o Nego dos Homens Pizza e pro Moreno dos Vikings, apesar de eu não os conhecer, estejam em paz” – Lalo/*Sombras*. Assim se encerrou uma conversa gravada que realizei

no ano de 2003 com três jovens pixadores do município de Diadema, na Região Metropolitana de São Paulo. A frase foi proferida, ao fim do registro, por Lalo, então com 23 anos, que pixava com a alcunha *Sombras*. Tratava-se de uma reverência a colegas de pixação assassinados por motivos que meu interlocutor não sabia. Destaca-se, na homenagem, Lalo revelar que não conhecia os pixadores a quem prestara tal tributo. Na verdade, a citação ocorrera porque o pixo de Lalo, *Sombras*, pertencia à mesma grife dos pixos de Nego, *Homens Pizza*, e Moreno, *Vikings*².

Os relatos das mortes e as homenagens aos colegas já falecidos eram constantes nas narrativas que ouvi dos pixadores e nas marcas que eles deixavam nos muros. Não é difícil observar, ao lado de alguns pixos, as frases: “*In memoriam*” ou “Esteja em paz”. Lalo, apesar de não conhecer os dois pixadores que citou, sentia-se impingido a homenageá-los numa entrevista porque os mesmos tinham pertencido, antes dele, à grife da qual passou a fazer parte. Há que se esclarecer que entrar numa grife implica estar disposto a cumprir uma série de preceitos, tais como elevar o reconhecimento entre os pixadores, espalhando sua marca pelo maior número possível de lugares, proteger os colegas em casos de conflito e prestar reverência aos mais velhos e aos que já morreram, dentre outros. Ocorriam variações nas obrigações, conforme as regras estipuladas pelos criadores e/ou responsáveis principais por cada grife.

Para conceber este artigo, baseio-me em experiências etnográficas realizadas entre os anos 2001 e 2007 junto às redes de relações sociais da pixação, que resultaram em minha dissertação de mestrado: *De rolê pela cidade: os pixadores em SP* (Pereira, 2005). Nesse período, acompanhei os adeptos da prática da pixação em encontros semanais que ocorriam em frente ao Centro Cultural São Paulo, na Rua Vergueiro. Ali, eu participava das rodas de conversa e observava as relações que eram estabelecidas no local. Além disso, circulei com eles pela cidade, visitei alguns em seus bairros e participei de festas de pixação. O que descrevo

aqui, portanto, são as experiências que vivenciei com eles nesses contextos e pelo tempo anteriormente especificado. Não discuto, portanto, os desdobramentos que essa atividade teve nos últimos anos em São Paulo. Os pixadores com os quais estabeleci contato eram, em sua maioria, jovens entre 13 e 25 anos. Contudo, cheguei a entrevistar alguns com mais de 30 anos, estes já considerados ídolos, exemplos a serem seguidos dentro dessa atividade. A pixação em São Paulo é uma atividade exercida predominantemente por jovens oriundos de bairros pobres da periferia de São Paulo e do sexo masculino³.

Neste artigo, da mesma forma que Lalo em sua homenagem póstuma aos colegas, pretendo começar com a referência a um pixador que já morreu e não conheci: o #DI#⁴. Na verdade, mais do que falar sobre ele, minha intenção aqui é discutir o que me falaram a seu respeito. Um dos nomes de destaque na pixação paulistana, por isso sempre lembrado e reverenciado, #DI# era da região de Osasco, município da zona oeste da Grande São Paulo. Ele morreu em meados dos anos 1990. Seus amigos mais próximos fizeram uma pequena escultura no formato do seu pixo e o citavam em diferentes momentos como forma de homenageá-lo. Falava-se sobre o #DI# em conversas nos *points*⁵, postagens em fóruns e comunidades virtuais, e em produções audiovisuais ou reportagens sobre pixação. Ele foi sempre muito lembrado pela maioria dos pixadores.

Durante o período em que realizei a pesquisa de campo, obtive diferentes informações sobre a morte de #DI# e também sobre sua importância para os colegas. O que proponho aqui, portanto, é refletir sobre as referências a esse personagem específico no contexto da pixação em São Paulo, relacionando-as com as histórias de outros protagonistas das intervenções visuais urbanas na cidade. Para isso, pretendo discutir a especificidade dos relatos de sua morte e das homenagens que lhe eram prestadas a partir de duas noções bastante importantes para a dinâmica da pixação: as ideias de risco e memória.

Memória

Na pixação, os relatos de morte de colegas destacavam a importância da memória e ressaltavam a necessidade de se lembrar dos companheiros já falecidos. O respeito à memória dos mortos era evidenciado também no modo como a maioria abordava uma prática considerada execrável, a de “atropelar” a inscrição do outro. Atropelar era a forma como denominavam o ato de passar por cima da intervenção visual alheia, de pixar sobre o pixo do outro. Não havia ofensa maior do que se ter sua marca sobreposta por outra. Presenciei muitas discussões e brigas por causa disso. Aquele que atropelava as marcas alheias não era bem-visto. Por outro lado, quem tivesse sua inscrição atropelada, caso encontrasse o atropelador, exigiria satisfações. Além da ofensa pessoal, os pixadores também destacavam a questão do desrespeito à memória dos mais velhos – “os mais antigos” na atividade –, dos mortos e da própria pixação como justificativa para a desqualificação do atropelo. Uma das ações mais rechaçadas era a que envolvia o desrespeito ao pixo de alguém mais velho, que muitas vezes já até havia abandonado o ofício, ou de alguém que já houvesse morrido. Nesse último caso, em particular, diziam-me que o pixador não poderia voltar para refazer o pixo e, portanto, essa seria uma grande afronta à memória do mesmo e da própria pixação.

Há que se destacar que, ao falar dos atropelos dos pixos antigos, eles não se referiam apenas à pixação, mas também ao grafite. Diziam que muitos grafiteiros também desrespeitavam pixos antigos, atropelando-os. Esse movimento, de sobreposição de grafites a pixações, aliás, aumentou muito a partir do momento que o grafite foi eleito como um agente de embelezamento da cidade em contraposição à pixação, vista como rabisco e sujeira. Lembro-me, no entanto, de um movimento contrário num muro da cidade em que o grafiteiro preservou e incorporou em sua manifestação visual, por meio de uma moldura que pintou em

torno da inscrição, um pixo antigo do *Tchentcho*, um dos pioneiros da pixação paulistana, com grande destaque nos anos 1980. Esse fato é apenas um dos muitos que demonstram como há regras comuns, com práticas partilhadas por protagonistas das duas expressões, explicitando, assim, a dificuldade em se traçar fronteiras muito rígidas entre ambas.

Em suas dinâmicas relacionais na cidade de São Paulo, os pixadores engendravam um importante dispositivo de interação, circulação e memória. Eles estabeleciam diversos pontos de encontro em espaços públicos da cidade, como praças, calçadões, parques etc. Destes, o mais importante, no período em que fiz a pesquisa, era o ponto de encontro, denominado por eles de *point*, que ocorreu entre os anos de 2000 e 2005 nas proximidades do Centro Cultural São Paulo, na Rua Vergueiro⁶. Neste, conhecido como *Point da Vergueiro*, pixadores de toda a Região Metropolitana de São Paulo encontravam-se às terças-feiras à noite para, dentre outras atividades, conversar e contar histórias sobre lugares pixados, “perreios”⁷ passados com a polícia, festas de pixadores etc.

Entre as ações que eram realizadas no *point*, a principal era a combinação de novos *rolês*⁸. A partir de um local específico de encontro semanal, indivíduos e grupos de diferentes regiões, ainda que não se conhecessem pessoalmente, trocavam informações e combinavam de pixar juntos. Quase sempre esses acordos implicavam conduzir um ao outro e a deixar suas marcas nos bairros onde moravam ou sair para pixar pelo centro da cidade. Conseguiram, assim, ao mesmo tempo, alcançar diferentes objetivos perseguidos por quem pertencia a esse circuito⁹ específico da pixação paulistana: deixar sua marca no maior número possível de lugares e o mais distante de seu local original de moradia, estabelecer alianças com outros pixadores e, assim, conseguir grande visibilidade entre os colegas ou, conforme expressão dos próprios, “aumentar o ibope”. Configurava-se, assim, uma rede social que permitia a jovens, em sua maioria oriundos de bairros pobres da periferia de São Paulo,

transitar por diferentes regiões da cidade, centrais ou periféricas, estabelecendo laços de amizade ou, em alguns momentos, de inimizade. O último caso acontecia principalmente por causa dos atropelos.

Essa rede estabelecida pelos pixadores em São Paulo desenvolvia-se por meio de dinâmicas muito particulares de interação. Uma delas, que em grande medida disparava todas as outras relações, acontecia por meio do contato inicial que estabeleciam entre eles para assinar as folhinhas. Observei no *point*, muitas vezes, pessoas que não se conheciam abordando-se para perguntar o que o outro pixava e de qual *quebrada*¹⁰ vinha. Após essa primeira apresentação, quase sempre um pedia ao outro que assinasse o seu pixo numa folha de papel. Geralmente, vários indivíduos assinavam num mesmo papel. Algumas vezes eram utilizados também cadernos e/ou agendas como suporte para as assinaturas. As folhinhas eram guardadas em pastas. Muitos constituíam grandes acervos. O tamanho do acervo de folhinhas – além do maior número de lugares pixados, de preferência em lugares de visibilidade e risco – conferia prestígio, ou ibope, diante dos pares. As folhinhas dos mais velhos e/ou há mais tempo em atividade e as dos que já haviam morrido eram as que possuíam maior valor e alguns chegavam a vendê-las. As folhinhas eram, portanto, o principal registro escolhido para conservar a memória dessa prática. Em outras palavras, ainda que a questão da memória fosse acionada o tempo todo, a principal política de patrimônio desenvolvida por eles era a troca e a guarda das folhinhas. Além disso, no acervo constituído por alguns havia também fotografias, recortes de matérias jornalísticas sobre a pixação e convites para festas¹¹. Dok e Ferugem explicaram-me a importância das folhinhas:

O lance das folhinhas é assim: você pega um pixo do maluco, de repente amanhã acontece alguma coisa com o maluco, tipo ele morre, e você fica

com a folhinha. Mas o mano tá ali na folhinha e representou (Dok, entrevista concedida em 2004).

A importância da troca de folhinhas é você pegar uma folhinha de um cara que você não tem, aquela folhinha é rara, você não tem aquela folhinha, tipo o cara já é velho, já morreu. Isso vale mais. Se você tiver uma pasta grande, você já pode até vender (Ferrugem, entrevista concedida em 2003).

Importante refletir sobre o modo como o próprio ato de inscrever nomes e símbolos com traços pontiagudos na paisagem urbana estabelecia – sob diferentes perspectivas – dinâmicas ou ações associadas à questão da preservação da memória ou da fixação da história da atividade em São Paulo. Uma das acusações que se faz aos pixadores é a de conspurcar a memória da cidade, pois eles não respeitariam os bens históricos, principalmente os prédios tombados e os monumentos antigos, como os da Ladeira da Memória, no centro de São Paulo. Considerada o monumento mais antigo da cidade, a Ladeira da Memória, que fica perto da saída da estação Anhangabaú do metrô, foi, ironicamente, um dos primeiros locais de encontro de pixadores no centro de São Paulo. Todo marcado pelas inscrições, o *Point da Ladeira da Memória* antecedeu o *Point da Vergueiro*. A mudança de um local para o outro aconteceu devido a pressões de determinados segmentos sociais pela recuperação do monumento. No final dos anos 1990 e início dos 2000, a administração municipal da época iniciou um plano de recuperação do monumento da Ladeira da Memória e impediu, com a presença constante de agentes da Guarda Civil Metropolitana, a concentração de pixadores no local.

Tentou-se, assim, preservar uma parte da história da cidade. Porém, há que se indagar: qual parte e de quem? Porque, talvez para espanto dos defensores do patrimônio e dos bens históricos urbanos, sobretudo

daqueles de “pedra e cal”¹², os jovens pixadores também se mostravam preocupados com a história e com a memória. E é essa preocupação com a memória e a história da pixação que fazia com que muitos deles deixassem suas marcas em prédios históricos, bens tombados e monumentos importantes da cidade. Primeiro, porque neles haveria maior repercussão entre os colegas, que veriam a marca e comentariam a ousadia no *point*, saudando o autor quando o encontrasse; e também porque certos segmentos da imprensa sempre se interessam em realizar matérias sobre atos de vandalismo contra bens arquitetônicos considerados importantes. No caso das matérias em jornais, haveria fotos da pixação, o que contribuiria para divulgar ainda mais a ação. Essas matérias, aliás, seriam guardadas como recordação junto ao acervo de folhinhas. Além disso, e esse era o segundo motivo, as estruturas dos edifícios e bens históricos quase sempre são de pedra ou de materiais antigos que não podem ser pintados e que, por isso, proporcionam um maior tempo de exposição para a pixação. Nesses materiais, seria mais difícil a remoção da marca. Desse modo, a própria proposta de preservação dos bens arquitetônicos, levantada sobretudo pelos defensores dos patrimônios de “pedra e cal”, tem contribuído para a dinâmica da pixação em sua busca por visibilidade e memória.

“Quem não é visto, não é lembrado”, foi uma expressão que ouvi várias vezes entre os pixadores. Essa era, em grande medida, a lógica seguida pela maioria deles. Nessa busca por ser visto e lembrado – principalmente pelos outros colegas pixadores, é importante ressaltar – estabelecia-se uma disputa com a dinâmica da cidade e com a tão comum aversão à pixação. Em outras palavras, se eles queriam a permanência de suas marcas o maior tempo possível na paisagem urbana, grande parte dos outros cidadãos queria extirpá-la. Uma pixação poderia, para desespere de seus autores, ser apagada na manhã seguinte de sua realização, por isso a busca por lugares de grande visibilidade e por superfícies que

conferissem maior perenidade. Engendrava-se uma grande disputa entre a efemeridade da atividade e de seu suporte, a paisagem urbana, e a busca pela perenidade, por ser lembrado e por entrar para a história. Por isso, numa análise mais detida, pode-se depreender que o próprio ato de pixar, de grafar uma inscrição num muro ou no alto de um edifício, mobilizava essa dimensão da memória que quero aqui enfatizar.

Na verdade, o elemento principal que se fixava ao gravar um nome no muro era a aventura de alcançar um determinado ponto, seja ele um muro baixo num bairro do outro lado da cidade ou o alto da fachada de um prédio nas regiões centrais. A designação do ato de sair para pixar como rolê evidenciava, portanto, a importância dessa circulação pela cidade e também o quanto essa escrita da pixação registrava esses percursos pelo espaço urbano. A expressão “sair para dar um rolê” é muito comum em outros contextos, em sua maioria juvenis, e refere-se a sair para dar uma volta ou para se divertir. No caso específico da pixação, rolê dizia respeito também, e essencialmente, ao ato de sair para pixar a cidade. Eles se referiam aos que tinham muitas marcas pela paisagem urbana como pixadores que “tinham muito rolê”.

De certa forma, na pixação ocorria uma recriação do espaço urbano, com a construção de novas referências. A pixação convertia o espaço urbano em espaço de memória para os que participavam dessa atividade. Ao organizar o espaço materialmente ou ao transformá-lo à sua imagem, era a transmissão de certa memória coletiva o que se tentava garantir. Ao seguir a perspectiva levantada por Maurice Halbwachs (1990), de que o espaço é um importante suporte para a memória, pode-se apreender a pixação como um modo de representar o espaço urbano e, portanto, de construir uma memória coletiva sobre o mesmo ou de articular na paisagem urbana referências de memória.

Percorrer a cidade sob a perspectiva da pixação é estar atento à paisagem, observar muros, edifícios e monumentos para tentar identificar

pixações recentes, descobrir novos espaços para se pixar e relembrar histórias de pixações gravadas há algum tempo. No último caso, contava-se quem era o autor ou particularidades de como tal marca teria sido ali deixada. Certa vez, ao visitar um *point* no bairro da Lapa acompanhado de um pixador, este me disse que sabia que estávamos chegando ao local de encontro por causa das pixações nos prédios. Contou-me que muitas vezes utilizava-se desse recurso para se orientar na cidade, sabia que já passara por algum lugar por causa das inscrições observadas anteriormente. A escala metropolitana de São Paulo permitiu, portanto, a criação das dinâmicas específicas da pixação paulistana, mas, ao mesmo tempo, por meio destas, os pixadores recriaram a metrópole ao seu modo, registrando nela suas marcas de referência e inventando uma nova cidade. Nessa criação de um espaço próprio da pixação, há um uso tático, no sentido exposto por Michel de Certeau (1994)¹³, das estruturas físicas e sociais da cidade em que – ao contrário do *flâneur* parisiense descrito por Walter Benjamin (2007), cujo trajeto conduz a um tempo que desapareceu – o registro do trajeto no presente busca um passado por vir.

Se a escrita permite uma ampliação da consciência da história, também entre os pixadores ela desenvolve um papel importante para o registro de sua história, ainda que estas sejam um tanto quanto particulares¹⁴. Havia na pixação uma apropriação lúdica da escrita que não se importava tanto com o que escrever, mas sim com o modo como se escrevia, pois a estilização conferida às letras dos nomes grafados nos muros adquiria maior importância do que o próprio significado dos termos. Assim, na escrita dos muros, o significado subordinava-se à forma das letras. Essa particularidade acarretava numa dificuldade de entendimento daqueles que não pertenciam ao circuito da pixação. Isso acontecia não por utilizarem um código apenas compreendido entre eles, mas porque a estilização conferida às letras era um elemento que apenas

fazia sentido para quem era adepto dessa prática. Jovens de diferentes regiões da cidade estabeleciam contato entre si e sabiam quem, na paisagem urbana, escrevia a marca que tinha aquele formato específico. Por isso a prática de “lançar” palavras estilizadas nos muros era mais voltada para eles mesmos ou, como me disse um famoso pixador certa vez, para quem sabia *ler o muro*.

O registro, especialmente em vídeo, do ato da escrita da pixação era outra prática recorrente. Isso implicava tanto registrar os próprios atos e os dos amigos, como deixar-se ser filmado por outras pessoas que não pertenciam à pixação, tais como jornalistas, videodocumentaristas e pesquisadores. Os pixadores mostravam-se muito solícitos na concessão de entrevistas e faziam poses pixando para fotografias ou gravações em vídeo. Alguns desses vídeos tiveram seus lançamentos divulgados no *Point da Vergueiro*, dentre eles o intitulado “Pixadores em Ação”, lançado ainda em VHS no início dos anos 2000, que fez muito sucesso na época em que comecei minha pesquisa de campo. Esses vídeos, em sua maioria, eram comercializados no piso subterrâneo, dedicado ao *hip hop* e congêneres, da galeria da Rua 24 de Maio, no centro de São Paulo, também conhecida como Galeria do Rock. É importante frisar que os vídeos produzidos por pessoas ligadas de forma mais direta à pixação tinham uma característica bastante peculiar: a de ressaltar seus autores em ação, como aponta o nome do filme supracitado, e, principalmente, em ações de risco, pixando o topo de prédios ou dependurando-se em janelas. Numa exibição de um vídeo sobre pixação produzido por um pesquisador e, portanto, um não pixador, ouvi críticas de um praticante do ofício. Ele me disse que não gostara muito do filme, pois faltara ação e cenas de ousadia. Essa observação demonstrou, portanto, que a memória audiovisual na pixação valorizava, de maneira fundamental, um aspecto: o risco.

Risco

O risco era um dos principais elementos em jogo na prática da pixação na cidade de São Paulo. Pode-se dizer, inclusive, que, ao lado do dispositivo de registro e memória, o dispositivo de produção ou experimentação de riscos era um componente fundamental. A atividade estava, portanto, marcada por múltiplas concepções e práticas de risco. A imagem que parecia, e ainda parece, causar mais espanto no restante da população era a de uma marca deixada no alto de um prédio. Ao apresentar minha pesquisa para um público mais amplo, muito comuns eram as perguntas que faziam sobre como eles conseguiam chegar em lugares tão altos. Na mídia, fotos e vídeos de jovens dependurados em edificações da cidade reafirmavam esse estranhamento. Porém, não era apenas nas alturas que eles se arriscavam. Apesar de “dar muito ibope” pixar no alto da fachada dos prédios, também causava admiração entre os pares marcar a paisagem longe de onde se morava ou em lugares restritos que proporcionassem a vivência de maiores perigos e garantissem considerável visibilidade.

Além disso, outros riscos estavam presentes na pixação, como o de ser parado pela polícia e apanhar, ter o corpo todo pintado com a própria tinta que carregava ou ser preso. Apesar da repressão, a polícia era um ator importante com quem os pixadores se relacionavam na cidade, pois, em seus encontros, era comum eu ouvir conversas sobre como foram pegos ou como conseguiram escapar. Eles tinham sempre uma história para contar de situações de tensão que vivenciaram com policiais, seguranças particulares, proprietários de imóveis ou mesmo com outros grupos de pixadores rivais. No entanto, o risco mais grave ao qual estava exposto um pixador era o de morrer, o que poderia ocorrer tanto ao desequilibrar-se do alto de um prédio, como em alguma abordagem mais violenta feita por um agente de segurança pública ou

privada. A morte poderia ser consequência também de outros contextos não diretamente ligados à pixação, como no caso de acidentes de moto ou carro¹⁵, ou devido ao envolvimento com práticas criminosas, tais como roubo ou narcotráfico.

A pixação apresentou-se, para mim, como uma forma de estabelecimento de uma rede social sustentada no ato de aventurar-se pela metrópole. Enquadrada como crime ambiental pela Lei nº 9.605/98¹⁶, configurava também uma transgressão juvenil. Pode-se dizer, portanto, que a pixação apresentava-se como uma conjunção de dinâmicas típicas de jogos de vertigem (Caillois, 1958) ou de esportes de aventura (Spink, 2001) com práticas transgressoras que flertavam com a delinquência e/ou com a criminalidade¹⁷. Os pixadores criavam maneiras arriscadas de vivenciar os riscos das grandes cidades, transformando-os em meio de expressão e estabelecimento de relações no espaço urbano. Torna-se difícil, assim, traçar as diferenciações entre risco e perigo, como fazem alguns autores que analisam a noção de risco. No caso da pixação, as fronteiras entre as ameaças externas, que independem das ações dos sujeitos, que Niklas Luhmann (1993) e Ulrich Beck (1992) definem simplesmente como perigos, e os riscos, definidos como perigos oriundos de decisões e/ou de cálculos individuais ou coletivos, mostravam-se muito mais complexas do que a conceituação teórica formula. A linha divisória entre o perigo, inesperado, e o risco, calculado, tornava-se, nessa atividade específica, bastante tênue.

Com suas práticas de risco, os pixadores colocavam em questão a própria definição de risco. Autores como Denise Martin (2003) e Franz Brüseke (2007) utilizam, respectivamente, as noções de permissividade e de contingência em diálogo com a de risco para refletir a partir de seus contextos particulares de pesquisa. No caso dos pixadores, para se pensar etnograficamente, as concepções de risco podem ser problematizadas a partir de dois fatores: a noção de adrenalina e a postura que costuma-

vam apresentar diante dos riscos ou perigos de morrer ou ser preso. Nesse sentido, na pixação, a dimensão do risco pode ser pensada a partir das ideias de experimentação e desafio diante das situações de risco que produziam, e também como uma reflexão sobre os riscos aos quais estavam expostos previamente, os riscos socioeconômicos, por exemplo, ou sobre aqueles a que se expunham a partir de suas ousadas intervenções na paisagem urbana, como o de ser assassinado por um agente de segurança particular. Portanto, além dos riscos próprios de sua prática, grande parte dos pixadores também se relacionava com outras dimensões de riscos, como a de se morar num bairro pobre da periferia marcado por altos índices de homicídio, a de envolver-se com a criminalidade ou a de se enquadrar no que certos discursos apontam como uma suposta maior suscetibilidade juvenil a expor-se aos riscos¹⁸.

O conceito de risco, como se percebe, não possui uma definição unívoca. Mary Douglas (1992), por exemplo – que em sua obra clássica, *Pureza e perigo* (Douglas, 1991), associou a concepção de perigo às de sujeira e tabu, discutindo esses conceitos como elementos que são percebidos como fora de lugar e que, portanto, desafiaríamos os princípios classificatórios –, em texto no qual aborda, de maneira específica, a ideia do risco, afirma que este termo inicialmente seria neutro, apontando tanto para a possibilidade de perda como de ganho. Risco, nessa acepção, indicaria aposta ou cálculo. Posteriormente, afirma Douglas, a palavra “risco” passou a receber uma conotação negativa, remetendo ao perigo ou à possibilidade de perda. Já Franz Brüseke (2007), retomando a afirmação de Luhmann sobre a “contingência como valor próprio da sociedade moderna”, ao discutir a questão da técnica e da ciência em suas relações com a dimensão do risco na modernidade, defende que, ao invés de sociedade do risco, como define Beck, a modernidade deveria ser entendida como uma sociedade da contingência. O risco seria, portanto, “uma expressão moderna da consciência da contingência”.

Segundo Brüseke, a noção de contingência não se refere ao acaso simplesmente, como poderiam deduzir algumas visões mais simplificadoras, mas a um conceito que concerne, simultaneamente, ao necessário e ao possível.

Denise Martin (2003), ao estudar os riscos vivenciados por mulheres ligadas à prostituição na cidade portuária de Santos, aponta para a necessidade antropológica de se pensar o risco a partir da experiência etnográfica. Ou seja, a partir do que os interlocutores de campo apresentam como sua experiência e definição de risco. A autora trabalha, a despeito das diferentes dimensões de risco ou de perigo em jogo – de ser vítima de algum tipo de violência ou de se contrair o vírus do HIV, por exemplo –, com a noção de permissividade nas relações que as mulheres estabeleciam a partir da prática da prostituição. Martin, a partir de etnografia e entrevistas, demonstra como as mulheres adquiriam, na rede de relações de risco que a prostituição engendrava, uma maior permissividade a arriscar-se, tendo em vista a situação marginal e de perigo cotidiano em que elas estavam inseridas. “Assim, os riscos são inconscientemente absorvidos pela ação cotidiana” (Martin, 2003: 230).

Da mesma forma, em diálogo com a discussão mais ampla sobre os riscos e a reflexividade na modernidade (Giddens, 1991; Beck, 1992), outra autora, Angelina Peralva (2000), discute a relação de certos jovens cariocas com práticas de risco e com a própria criminalidade. Segundo a autora, em meio aos riscos da violência aos quais a juventude – e, principalmente, a juventude pobre – está exposta, a adesão às condutas de risco, como a prática do surfe ferroviário¹⁹, seria uma espécie de resposta antecipada ao risco, para se apropriar dele, subjugar-lo e não ser subjugado por ele.

A resposta reflexiva do risco é considerada ainda atributo da “juventude”, sua consciência orgulhosa. O jovem só pensa em se divertir e percebe a morte

como perigo longínquo. Há nessa representação cultural da juventude a ideia de que os jovens são por definição mais capazes que os adultos de associar na vida reflexividade e graça. A força da idade lhes permite viver intensa e prazerosamente. Incorporam o medo como um dado de uma experiência geral – a da oposição antropológica entre a vida e a morte. Mas constroem ao mesmo tempo a afirmação da vida como prazer ligado à superação do medo (Peralva, 2000: 169).

Ao discutir a condição juvenil contemporânea, a reflexão de Peralva acena para a possibilidade de articulação de três dimensões do risco: o transcendente da pobreza e das desigualdades sociais, o inerente à condição juvenil e o que se apresenta como um componente criado ou enfatizado pela sociedade moderna a partir, dentre outros fatores, do progresso e do desenvolvimento científico²⁰. A autora reflete, portanto, a partir da interação entre essas três modalidades, sobre os riscos criados pelos jovens por meio de práticas que colocam em xeque a integridade física deles.

Dessa maneira, seguindo por trilha análoga às traçadas por Martin e Peralva, pretende-se aqui discutir outras possibilidades para o conceito de risco e para as outras noções que tal conceito suscita ou se associa: perigo, contingência, permissividade etc., a partir da experiência etnográfica com a pixação. Nesse caso específico, havia, na verdade, um modo próprio de pensar e/ou refletir sobre a questão do risco e tentarei aprofundá-lo aqui. Quando realizei a pesquisa de campo, os pixadores utilizavam-se de duas noções para remeter às concepções de risco que experimentavam em seu cotidiano: a adrenalina e o perreio.

A primeira, a adrenalina, dizia respeito aos riscos criados por eles mesmos e associados diretamente às ações principais engendradas na pixação. Eles se referiam ao ato de pixar, de sair de madrugada para escalar um muro ou de subir no alto de um prédio e deixar sua marca

como “a maior adrenalina”, em alusão ao hormônio e neurotransmissor liberado em momentos de grande tensão, que causa alterações em determinadas funções fisiológicas, preparando o corpo para enfrentar certas situações. Na pixação, havia a demonstração de satisfação ou de prazer com os efeitos das experiências de risco que empreendiam pela cidade, com a experimentação da adrenalina. O risco aí se situava, portanto, na chave do lúdico²¹. Já a noção de perreio ressaltava o aspecto dos apuros enfrentados com outros agentes não diretamente ligados à pixação. Havia uma posição ambígua com relação a esta ideia, pois, ao menos num primeiro momento, eles não demonstravam grande satisfação com a vivência dos perreios como acontecia com a adrenalina. Os relatos dos perreios eram marcados pela indignação e, ao mesmo tempo, pela resignação, como se fossem inevitáveis, mas também continham certo autoelogio, ressaltando a força ou esperteza demonstrada nesses momentos. O perreio implicava uma situação em que já se encontrava no meio do perigo e se corria o risco de enfrentar um perigo ainda maior, como o de ser assassinado ao ser pego por um agente de segurança privada ou ser preso por um policial militar. Livrar-se de uma situação de perreio era considerado positivo e até engrandecedor. Nem as surras da polícia eram percebidas de forma totalmente negativa. Certa feita, ouvi um pixador contar, muito animado, no *point*, que tinha apanhado muito ou, em suas palavras, “levado um salve lindo da polícia” ao ser pego em ação. Assim como este, muitos relatos de perreios eram feitos de forma entusiasmada nos *points*, descritos como algo inerente à vida dura que levavam e aos riscos que produziam ou desafiavam com sua prática: “Pixação é passar perreio por causa dos rabiscos e do perigo que se passa, não é fácil sair para pixar e enfrentar a opressão da polícia e da sociedade” (Zé, entrevista concedida em 2003).

No *point*, eram comuns os relatos sobre os perreios enfrentados com a polícia: apanhar, ter o corpo pintado com a tinta *spray* que portava, ser

preso, fugir etc. Contudo, de certa forma, essa noção também estava associada à condição socioeconômica a que pertenciam. Morar em alguma quebrada da cidade, por exemplo, implicava estar mais exposto aos chamados riscos sociais e, de certa maneira, já viver, no dia a dia, inúmeros e diferentes perreios. Por meio de uma prática transgressora de arriscar-se pela cidade em prédios altos e lugares de difícil acesso, os jovens pixadores também criavam um modo particular de referir-se às condições de vida que levavam nos bairros pobres da periferia. A ideia de “quebrada”, tão propalada por eles e por outros coletivos juvenis, adquiria novos contornos em seu cotidiano, revertendo-se de sinal negativo, de estigma e/ou carência, a sinal positivo, de afirmação e mesmo de superioridade. Quem vive nas quebradas da cidade, conforme essa perspectiva, adquire maior força por saber lidar com os riscos sociais de tais lugares e, assim, marca-se por meio de uma prática juvenil transgressora a noção de risco de modo social, econômico e – por que não? – classista.

Outro aspecto fundamental para se entender os riscos da pixação refere-se à questão de gênero. Afinal, como já afirmei, essa é uma prática predominantemente masculina. Importante pensar como a pixação retoma padrões de um modelo de masculinidade hegemônica pautado em valores como agressividade, virilidade e competição. A questão da masculinidade de jovens das camadas populares no Brasil é ressaltada por Alba Zaluar (1985), que discute o quanto a afirmação de um *éthos* de masculinidade, associado a exibições de força e à exaltação de uma dignidade masculina, tem sido um dos fatores responsáveis pela adesão de jovens pobres a práticas criminosas, por exemplo. Em outra pesquisa, esta realizada em escolas públicas de ensino médio em bairros da periferia de São Paulo (Pereira, 2010), apontei para o protagonismo dos meninos nas brincadeiras e gozações que desestabilizavam as aulas e a ordem institucional escolar. Pude, nesse outro contexto, perceber que havia

uma tendência maior dos meninos a empreenderem o que denominei como performances lúdico-agonísticas, seja por meio das brincadeiras e gozações, seja pelas encenações de brigas e domínio dos jogos de competição: desde o futebol na quadra da escola ao dominó e ao baralho nos corredores e nas salas de aula. Deve-se ressaltar, portanto, como as relações com o risco empreendidas por meio da prática da pixação têm de ser entendidas a partir da interação entre três aspectos sociais: a idade, a camada socioeconômica e o gênero, tendo em vista que, na pixação, ser jovem, morador de bairros pobres da periferia da cidade e homem são condições que não apenas predominam, mas, de certa forma, configuram em grande medida as dinâmicas dessa atividade em São Paulo.

Morte

Discutir as relações da pixação com as noções de risco e memória implica não reduzir essa prática a apenas essas duas dimensões, mas demonstrar o quanto elas eram questões importantes na articulação dos pixadores em São Paulo, no período em que realizei a pesquisa com eles. O que tentei, portanto, não foi definir as noções de memória ou de risco, mas sim apresentar os diferentes sentidos que podem adquirir conforme o contexto e o enfoque, ressaltando como eram desenvolvidas e refletidas em campo pelos agentes. Por isso, o objetivo aqui, ao discutir esses dois elementos, foi o de demonstrar como eles foram apreendidos etnograficamente. Nessa parte final, retomarei a história de #DI#, com a qual iniciei este artigo, e, ao destacar aspectos de sua vida que me foram contados por outrem, enfatizarei como as dimensões de memória e risco articulam-se entre si na pixação. Demonstrarei, também, como as lembranças e homenagens a #DI# ajudam a elucidar as referências aos outros jovens que se expressavam visualmente pela cidade.

#DI# era lembrado por sua ousadia e por seu “apetite”, como diziam alguns pixadores. Ele gostava de pixar no maior número possível de lugares e estes tinham que ter grande destaque e risco. Suas marcas foram deixadas, dentre outros lugares, no alto de prédios e em casarões históricos²² da Avenida Paulista, uma das mais importantes e vigiadas da cidade. Uma das histórias sobre as façanhas de #DI# foi registrada num álbum de figurinhas sobre a pixação, lançado por pixadores. Nele, as páginas de fundo são ilustradas com matérias de jornal que abordam tal temática. Numa delas, há uma reportagem que relata uma das ações ousadas de #DI#. Ele pixou o prédio do Conjunto Nacional, importante e histórico edifício da Avenida Paulista. Após a repercussão de sua ação na imprensa, ligou para um jornal popular de São Paulo e disse ser um morador do Conjunto que havia visto como a ação tinha ocorrido. #DI# relatou como a pixação tinha sido realizada aos jornalistas e pediu para não ter seu nome revelado. Disse ainda que não queria sofrer represálias e que gostaria de ser identificado apenas como Di. Além de sua audácia, #DI# também era lembrado por sua humildade, por ser alguém que não desprezava os outros e que se mostrava sempre disposto a conversar ou a assinar uma folhinha para os colegas mais novos da pixação. Eram recorrentes os comentários sobre sua morte ter ocorrido por um motivo banal. Segundo os relatos, ele teria sido assassinado por causa de uma mulher. Porém, há diferentes versões sobre como teria acontecido. Numa delas, alguém teria insinuado algo para sua namorada que ele não gostara e ele teria ido tirar satisfação com a pessoa, levando a pior. Em outra, ele teria paquerado uma moça comprometida e sido morto por causa disso.

Não é o objetivo deste artigo, entretanto, desvendar o que o levou à morte. A questão principal está em pensar como, a partir dessa forma de abordar a morte, é que a pixação apresenta uma síntese dos dois aspectos destacados anteriormente: o risco e a memória. A morte é, ao

mesmo tempo, a representação mais extrema das consequências do risco e da necessidade de se lembrar dos colegas e de ser lembrado. Por isso, a aversão aos atropelos das pixações dos que já morreram e que, portanto, não podem voltar para refazer seus pixos, e o imenso valor dado às folhinhas dos já falecidos. Por #DI# ter sido um dos pixadores mais atuantes e, portanto, um dos que mais se arriscavam, ele foi um dos mais vistos e mais comentados, e, assim, continuou a ser lembrado de maneira intensa.

Porém, ele não era o único a ser lembrado e homenageado pelos colegas. Como vimos no início do artigo, essa era uma prática comum com relação aos pixadores falecidos. Nessas recordações, muitas versões de uma mesma morte eram contadas. No entanto, nenhum desses relatos de morte que ouvi, em suas diferentes versões, eram decorrentes dos riscos da pixação em si, mas de outros riscos aos quais tais jovens estariam expostos. Embora muitos relatassem de modo mais genérico e superficial saber de casos de pixadores que haviam morrido ao despencar de prédios ou ao encontrar com policiais ou agentes de segurança privada, nunca ouvi uma história mais aprofundada sobre esses eventos. Os casos de morte mais detalhados haviam ocorrido em contextos, que, ao menos a princípio, não guardavam relação direta com a pixação.

Outro caso relevante de um jovem lembrado e homenageado por seus colegas na cidade refere-se a um outro protagonista de intervenções visuais, este mais ligado ao grafite²³. Trata-se de Niggaz, morador do distrito do Grajaú, no extremo sul do município de São Paulo, que faleceu em 2003. No seu bairro, é considerado um precursor das artes de rua, mas ele também conseguiu certo destaque fora do local onde morava. Os relatos que ouvi a seu respeito sempre enfatizaram o seu talento para os traços do grafite. Ele chegou a atuar numa ONG voltada às artes de rua, situada num bairro de classe média alta da cidade. Circulou, portanto, por um circuito mais central do grafite e das artes na cidade.

Obtive de muitas pessoas – não necessariamente ligadas ao grafite, mas de diferentes contextos articulados a uma determinada produção artística e que têm a periferia como tema de suas obras – versões divergentes sobre a morte de Niggaz. Assassinato, acidente ou suicídio, todas estas possibilidades foram aventadas. O corpo de Niggaz foi encontrado na Represa Billings, no distrito onde morava, e ele continuou a ser lembrado e reverenciado pelos amigos. Em 2011, ocorreu a oitava edição de um evento criado em sua homenagem, o *Encontro Niggaz*, que tem reunido no Grajaú uma série de grafiteiros que intervêm artisticamente em determinados espaços.

#DI# e Niggaz, mas também Nego e Moreno, citados por Lalo, são alguns dos casos de jovens que perderam muito cedo suas vidas. Demonstra-se, assim, que mais do que o risco da prática que engendravam nos muros da cidade – quase sempre de forma não autorizada e, portanto, ilegal –, o que é posto em xeque por sua atividade são os outros riscos que vivenciavam por serem, ao mesmo tempo, homens, jovens, pobres, moradores de bairros periféricos da cidade e negros²⁴. É curioso notar que a alcunha de três dos quatro jovens aqui citados refere-se à cor da pele ou à questão racial: Nego, Moreno e Niggaz. No último caso, um pseudônimo reflexivo, pois faz alusão ao termo que, nos Estados Unidos, configura um modo pejorativo de referir-se aos negros, aceito apenas quando dito de forma jocosa por eles e entre eles²⁵. Dessa forma, a pixação aqui descrita configura, se não uma resposta a esses riscos, ao menos a possibilidade de uma reflexão teórica e prática – ou tática, retomando mais uma vez a noção de Michel de Certeau – sobre os diferentes riscos aos quais estavam, e ainda estão, em sua maioria, sujeitos.

Importante, então, relembrar a forte dimensão de gênero presente na pixação e a importância da questão da honra masculina que permeia de forma intensa as relações sociais dentro dessa atividade. Nesse sentido,

cabe-nos refletir – de modo não conclusivo, pelo contrário, abrindo para outras possibilidades de ampliar a reflexão que as experiências etnográficas junto aos pixadores suscitaram-me – sobre o que afirma Jean-Pierre Vernant em artigo sobre a morte entre os heróis gregos²⁶. Esse autor, ao expor que na Grécia arcaica a verdadeira morte situava-se na chave do esquecimento e da ausência de fama, demonstra que nesse contexto:

[...] existir é – esteja-se vivo ou morto – ser reconhecido, estimado, honrado; é sobretudo ser glorificado: ser objeto de uma palavra de louvor, de uma narrativa que conta, sob a forma de uma gesta, retomada e repetida sem cessar, um destino por todos admirado. Neste sentido, pela glória que ele soube conquistar devotando sua vida ao combate, o herói inscreve na memória coletiva do grupo sua realidade de sujeito individual, exprimindo-se numa biografia que a morte concluiu e tornou inalterável. Pelo canto público dos feitos a que ele se deu por inteiro, o herói continua, além do traspasso, presente, a seu modo, na comunidade dos vivos. Tornada lendária, sua figura tece, associada com outras, a trama permanente de uma tradição que cada geração deve aprender e tornar sua para aceder plenamente, através da cultura, à existência social (Vernant, 1979: 41).

No caso específico do contexto da pixação, a relação entre morte, memória, risco e honra pode ser resumida da seguinte maneira: *Quem não se arrisca, não é lembrado.*

Notas

¹ Pesquisador associado ao Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo. E-mail: alexandreperreira@ig.com.br.

² Para os que não estão acostumados com a terminologia da pixação – com x e não com CH, conforme designação dos próprios pixadores –, cabe um breve esclareci-

mento de dois termos: pixo e grife. O primeiro refere-se a um nome que um indivíduo ou um grupo com poucos integrantes escreve com letras estilizadas, de difícil compreensão para quem não pertence à prática, e tinta *spray* pelos muros da cidade. Geralmente, o pixo nomeia um conjunto de amigos de um mesmo bairro. Já o segundo, grife, refere-se a um nome ou símbolo que diferentes pixos – que podem referir-se a grupos ou indivíduos – grafam ao lado de sua inscrição. Esse símbolo diz respeito, portanto, a uma aliança de vários pixos, que podem fazer parte de mais de uma grife, ou aliança, desde que não haja conflito entre elas. No caso dos *Sombras*, eles eram de duas grifes: *Os mais originais* e *Os melhores*.

- ³ O que não significa que jovens de bairros mais centrais e com situação econômica mais privilegiada também não participem da pixação; porém, nesses casos, não é incomum que escondam a classe social a que pertencem, não revelando o bairro onde moram, por exemplo. O mesmo vale para a questão de gênero, pois, ainda que em franca minoria, há mulheres na pixação. Uma delas, Caroline Pivetta, destacou-se em 2008 quando pixadores realizaram uma das ações de maior ousadia e visibilidade ao invadir a 28ª Bienal Internacional de São Paulo para pizar o pavimento que havia sido deixado vazio. A pixadora Caroline Pivetta foi, então, presa e alcançou relativa notoriedade.
- ⁴ Era com esses símbolos, utilizando-se de uma letra D pontiaguda, que ele assinava seus pixos na paisagem urbana de São Paulo. A alcunha Di era seu apelido pessoal e pixo ao mesmo tempo.
- ⁵ Pontos de encontro que os pixadores estabeleciam na cidade e para onde convergiam jovens de diferentes localidades que combinavam de sair para pizar juntos.
- ⁶ Em 2005, o *point* central dos pixadores muda-se para outro local do centro da cidade, devido à repressão policial na Rua Vergueiro.
- ⁷ “Perreio” era o termo utilizado para relatar situações que envolviam dificuldades, embaraços ou mesmo perigo. O mesmo que apuro. Em alguns momentos, utilizava-se também a palavra “perrengue”, que consta no dicionário da Academia Brasileira de Letras com o significado de “situação difícil de se resolver” (Dicionário Escolar da Língua Portuguesa – Academia Brasileira de Letras. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008).
- ⁸ Modo como designavam as saídas para pizar. Para uma descrição mais detalhada dos rolês e dos *points* dos pixadores, ver Pereira (2005 e 2007).

- ⁹ A categoria “circuito” é desenvolvida por Magnani (2002) e refere-se ao exercício de uma determinada prática ou estabelecimento de certos serviços em espaços não contíguos na paisagem urbana, mas reconhecidos em seu conjunto por quem os frequenta.
- ¹⁰ “Quebrada” é um termo muito usado por diferentes coletivos para designar bairros de periferia que seriam marcados por pobreza e violência, mas também por certos laços sociais considerados como mais próximos e/ou solidários. Tem-se, portanto, nessa ideia de quebrada, certa ambiguidade, pois a mesma pode ser vista tanto sob a ótica das carências quanto de afirmações positivas de laços de sociabilidade e/ou de força moral.
- ¹¹ Festas de pixação, na verdade, cujos convites tinham uma apresentação estética muito parecida com a das folhinhas, pois neles assinavam os pixadores que apoiavam a festa. Além das assinaturas, havia a descrição do motivo da festa, muitas vezes a comemoração do aniversário de surgimento do pixo, e um mapa com as indicações de como chegar no local servindo-se do transporte coletivo. Os convites eram distribuídos no *point*.
- ¹² A noção refere-se à escolha de bens arquitetônicos como principal objeto das políticas públicas de patrimônio cultural no Brasil. Nos últimos tempos, entretanto, têm ganhado força propostas alternativas que enfocam a ideia de patrimônio imaterial. Para uma discussão mais aprofundada sobre a noção de patrimônio de *pedra e cal*, ver Gonçalves (2009) e Fonseca (2009).
- ¹³ A noção de tática, segundo Michel de Certeau, refere-se a procedimentos criativos do cotidiano que se contrapõem ou produzem alternativas às grandes estratégias de controle e/ou de exercício de poder, configurando uma rede de antidisciplina.
- ¹⁴ A escrita, conforme Lévi-Strauss (1996 [1955]), permitiria o desenvolvimento de uma grande capacidade de preservar os conhecimentos e, conseqüentemente, uma maior consciência do passado que levaria a uma maior capacidade em organizar o presente e o futuro. O autor realiza uma analogia entre a posse ou não da escrita e os seus conceitos de sociedades quentes e frias, conforme a relação que essas estabelecem com a sua história.
- ¹⁵ Durante a pesquisa, a morte de um pixador em acidente de motocicleta foi bastante comentada e lamentada num dos encontros no *point*. Seu irmão, também pixador, passou a homenageá-lo nos muros da cidade, escrevendo frases que saudavam sua memória.

- ¹⁶ A lei foi alterada em 2011. Seu texto passou a fazer maior distinção entre pixação e grafite. Aumentou-se também a restrição à venda de tinta *spray*.
- ¹⁷ Alguns pixadores adotavam práticas delinquentes como o furto, que poderia abranger tanto latas de tinta *spray* quanto produtos de tamanho reduzido, mas de valor médio, como protetores solares, garrafas de uísque, energéticos, pilhas etc., encontrados em supermercados. Havia inclusive aqueles que exaltavam a prática do furto e o artigo correspondente no código penal, o 155. Um exemplo era o da grife LOVE 155, criada no período em que eu fazia a pesquisa de campo. Além disso, não era incomum haver jovens envolvidos em ações criminosas mais graves, como tráfico de drogas e assaltos.
- ¹⁸ Essa suposta maior suscetibilidade é abordada por autores como Margulis e Urresti (1996), que apresentam, em discussão sobre a noção de moratória, a ideia de uma maior disposição dos jovens para a diversão, para o risco e para a aventura. Essa disposição, porém, segundo tal enfoque, seria construída socialmente a partir da perspectiva de que os jovens teriam um capital energético a ser gasto, pois, afinal, a morte ainda estaria longe.
- ¹⁹ Prática, não convencional, comum no fim dos anos 1980 e início dos anos 1990, de se postar sobre o teto dos trens urbanos em movimento, equilibrando-se como numa prancha de surfe.
- ²⁰ Nesse último caso, Ulrich Beck afirma, ao defender que a sociedade industrial clássica teria se convertido na sociedade industrial do risco, que, com o desenvolvimento científico e a busca cada vez maior pelo controle da natureza e dos riscos que essa poderia oferecer, novos riscos seriam criados, tais como os da poluição, da contaminação de alimentos, dos acidentes de trânsito ou aéreos, das catástrofes nucleares etc.
- ²¹ A relação entre o lúdico e o arriscar-se ou expor-se a perigos não é grande novidade. Mikhail Bakhtin (1987), ao discutir o Carnaval e as festas populares na Idade Média a partir da obra de François Rabelais, ressalta o caráter agonístico e mesmo de agressividade e violência intensas que muitas vezes assumia o lúdico.
- ²² Dentre os casarões, o da família Matarazzo, demolido em 1996. Numa das fotos de sua demolição, constam os pixos de #DI# e seu colega Dino, conforme pode ser constatado no link a seguir, em que se discute a pouca preocupação com a memória da cidade ao abordar a destruição dos antigos casarões e palacetes desta

avenida. Disponível em: <http://www.saopauloantiga.com.br/mansao-matarazzo-o-que-ainda-resta>. Acesso em: 5 mar. 2013.

- ²³ Como já destacado no artigo, apesar de possuir dinâmicas próprias na cidade, pixadores e grafiteiros circulam por um mesmo circuito na cidade: o das artes de rua. Por isso, as relações entre os adeptos das duas expressões visuais são marcadas por aproximações e distanciamentos. Há, inclusive, muitos que são adeptos das duas atividades.
- ²⁴ Em grande levantamento realizado no *Mapa da Violência no Brasil*, confirma-se como os números de vítimas de homicídio no Brasil são fortemente influenciados por três fatores: o sexo, a faixa etária e a cor. Em outras palavras, homens mais jovens, com idade entre 15 e 24 anos, e negros têm maiores chances de constar nas estatísticas da violência como vítimas de homicídio no Brasil (Waiselfisz, 2011).
- ²⁵ Utilizam-se também as variantes *nigger* ou *nigga*.
- ²⁶ Agradeço, aqui, à amiga antropóloga Íris Morais Araújo por apresentar-me a essa reflexão feita pelo Vernant e sugerir-me a similaridade da relação com a morte entre pixadores e os heróis gregos. Agradeço também ao – ou à – parecerista que me indicou a discussão sobre gênero e, particularmente, sobre a honra masculina como uma das possibilidades de desenvolvimento para o artigo.

Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail

1987 *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo/Brasília, Hucitec/UnB.

BECK, Ulrich

1992 *Risk Society: Towards a New Modernity*. London, Sage.

BENJAMIN, Walter

2007 *Passagens*. Belo Horizonte/São Paulo, UFMG/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.

BRÜSEKE, Franz

2001 *A técnica e os riscos da modernidade*. Florianópolis, UFSC.

CAILLOIS, Roger

1958 *Les jeux et les hommes*. Paris, Gallimard.

CERTEAU, Michel de

2009 *A invenção do cotidiano: artes do fazer*. Petrópolis, Vozes.

DOUGLAS, Mary

1991 *Pureza e perigo: ensaios sobre as noções de poluição e tabu*. Lisboa, Edições 70.

1992 *Risk and Blame. Essays in Cultural Theory*. London/New York, Routledge.

FONSECA, Maria Cecília Londres

2009 “Para além da *pedra e cal*: por uma concepção ampla de patrimônio cultural”. In ABREU, R.; CHAGAS, M. (orgs.), *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro, Lamparina.

GIDDENS, Anthony

1991 *As consequências da modernidade*. São Paulo, Unesp.

GONÇALVES, José Reginaldo

2009 “O patrimônio como categoria de pensamento”. In ABREU, R.; CHAGAS, M. (orgs.), *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro, Lamparina.

HALBWACHS, Maurice

1990 *A memória coletiva*. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais.

LÉVI-STRAUSS, Claude

1996 *Tristes trópicos*. São Paulo, Companhia das Letras.

LUHMANN, Niklas

1993 *Risk: A Sociological Theory*. New York, Aldine de Gruyter.

MAGNANI, José Guilherme Cantor

2002 “De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana”. In *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, vol. 17, n. 49, ANPOCS, pp. 11-29.

- MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo
1996 “La juventud es más que una palabra”. In MARGULIS, M. (org.), *La juventud es más que una palabra*. Buenos Aires, Biblos.
- MARTIN, Denise
2003 *Riscos na prostituição: um olhar antropológico*. São Paulo, Humanitas/FFLCH-USP.
- PERALVA, Angelina
2000 *Violência e democracia: o paradoxo brasileiro*. São Paulo, Paz e Terra.
- PEREIRA, Alexandre Barbosa
2005 *De “rolê” pela cidade: os “pixadores” em São Paulo*. São Paulo, dissertação, FFLCH-USP.
2007 “Pichando a cidade: apropriações ‘impróprias’ do espaço urbano”. In MAGNANI, J.; MANTESE, B. (orgs.), *Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*. São Paulo, Terceiro Nome.
2010 *“A maior zoeira”: experiências juvenis na periferia de São Paulo*. São Paulo, tese, FFLCH-USP.
- SPINK, Mary Jane
2001 “Trópicos do discurso sobre risco: risco-aventura como metáfora na modernidade tardia”. In *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, vol. 17, n. 6, pp. 1277-1311.
- VERNANT, Jean-Pierre
1979 “A bela morte e o cadáver ultrajado”. In *Revista Discurso*, São Paulo, n. 9, Discurso Editorial, pp. 31-62.
- WASELFISZ, Julio Jacobo
2011 *Mapa da violência 2011: os jovens do Brasil*. São Paulo/Brasília, Instituto Sangari/Ministério da Justiça.
- ZALUAR, Alba
1985 *A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*. São Paulo, Brasiliense.

ABSTRACT: This article presents the tag graffiti (*pixação*) in São Paulo and describes how the taggers change the urban landscape. They are re-inventing the city. From an ethnographic point of view, it also discusses how this activity provides reflections on the ideas of risk, memory and death. The history of life and death of a particular tagger, famous for his will of daring, is what links the facts presented in here. It is shown how these young people put themselves in dangerous situations to be recognized and, in some way, to be remembered. The possibility of death, or its actual occurrence, connects two elements: risk and memory.

KEYWORDS: Tag Graffiti, City, Risk, Memory, Death.

Recebido em maio de 2011. Aceito em março de 2012.